



RESENHA BUSCANDO A VONTADE DE DEUS

Me. Suzinete Cristina da Silva Cobiak

BUSCANDO A VONTADE DE DEUS

WALTKE, Bruce K. *Buscar a vontade de Deus: uma ideia cristã ou pagã?* Tradução de Haroldo Janzen. São Paulo: Vida Nova, 2015.

Suzinete Cristina da Silva Cobiak ⁴¹

O autor do livro “*Buscar a vontade de Deus: uma ideia cristã ou pagã?*” é professor de Antigo Testamento no Knox Theological Seminary, em Fort Lauderdale, Flórida, e professor emérito de estudos bíblicos pela faculdade Regent College, em Vancouver British Columbia, Canadá.

A obra é composta de duas partes que se subdividem em três capítulos na primeira (a vontade de Deus: uma noção pagã), seis na segunda (o programa de orientação de Deus) e finaliza com um posfácio que é um texto de teor explicativo que, acrescentado no final de livro (depois de sua finalização), adverte ou explica o que for conveniente mencionar⁴².

O assunto central da obra, segundo o autor, é tentar esclarecer a diferença entre adivinhação (no sentido de prognóstico pagão) e divinação (entender o que Deus está falando).

Waltke inicia o primeiro capítulo indagando se buscar a vontade de Deus é uma ideia bíblica, mas já afirma: “Meu relacionamento com Deus está baseado em minha obediência”. E passa a escrever sobre a experiência de quatro pessoas (Margarete, David, Suzanne e Douglas) que precisam decidir sobre algum assunto e passa a descrever qual forma utilizam para deliberar a respeito. A primeira pessoa fala com seu marido que sente que Deus os está chamando para uma obra num local específico, o segundo compartilha seus planos com um amigo cristão mais experiente, a terceira, ora, apanha sua Bíblia e vai meditar na Palavra de Deus, o quarto, cria um sistema de “tentativa e escolha”, um tipo de “acerto ou erro”.

41 Bacharel em Teologia, Pós-Graduada em Exposição e Ensino da Bíblia, Extensão Universitária em Gramática Instrumental do Hebraico Bíblico e Mestra em Teologia.

42 [Posfácio] DICIO - Dicionário Online de Português - Disponível em <https://www.dicio.com.br/posfacio> (acessado em 28/08/2020)



Ao descrever estas quatro experiências, o autor está tentando apresentar ao leitor se isto não significa algum tipo de tolice na vida do povo de Deus. Afinal, porque Deus esconderia sua vontade de seus filhos amados? Então passa a discorrer sobre a “vontade de Deus”, e como cristãos costumam usar frases como: “Se eu ao menos pudesse descobrir a vontade de Deus”, como se Deus estivesse escondendo a sua vontade deles.

Segundo Waltke, está na hora de os cristãos observarem, analisarem e sistematicamente concluírem o que a Bíblia diz sobre a vontade de Deus. Assim, tentando definir a expressão “vontade de Deus”, começa a citar trechos bíblicos como Dn 4:35 no AT, e Ef 1:9-11 no NT, passando a afirmar que Deus tem um plano estabelecido, e à medida que esse plano se concretiza, entendemos que ele é a sua vontade ou também para designar seu desejo, ou sua permissão.

Prossegue afirmando que, na verdade, os ensinamentos dos apóstolos, sobre os quais a igreja foi fundada, apresentam um programa que baseia a orientação do Pai em um relacionamento íntimo com Jesus por meio do Espírito Santo.

Nesse sentido, passa a discorrer sobre o que significa “buscar” a vontade de Deus, o que normalmente tem o sentido de conhecer, obter ou chegar à mente de Deus. O que pode levar a uma forma de adivinhação, prática comum em religiões pagãs.

Na sequência, o autor começa a detalhar o que é autoridade de Deus e afirma que, depender de sinais especiais de Deus é a marca de uma pessoa imatura, alguém que não consegue simplesmente crer na verdade como é apresentada, mas que precisa receber um sinal miraculoso específico como símbolo da autoridade de Deus.

Ele observa que com o passar dos anos, cada vez menos sabedoria tem sido passada de geração em geração, o que leva os crentes a buscar uma autoridade divina que os ajude a fazer escolhas sábias. Contudo, sua imaturidade espiritual com frequência faz com que busquem a orientação de Deus de maneira imprópria.

O desejo do autor é depender de sua intimidade com Deus, afir-

mando que quando busca a Deus, baseia-se em seu relacionamento com ele, não em um “sinal” especial. Completa dizendo que, à medida que colocamos a Palavra de Deus em prática, o Senhor firmará os nossos pensamentos para que possamos participar do seu plano eterno. Então, apresenta exemplos na Bíblia de pessoas que receberam orientações de Deus, sempre a partir de um relacionamento íntimo com Ele, como Abraão.

No capítulo 2, aponta que todos querem conhecer a mente de Deus e descreve como os pagãos adivinham a vontade de Deus, lançando sortes, buscando sinais, observando as estrelas, lendo cartas, falando com espíritos; porém, no cap. 3, explana como Deus orientava seu povo no Antigo Testamento por meio dos profetas, do Urim e do Tumim, do lançar sortes, também por meio de sonhos, de sinais, de palavras. O que leva a pensar que há uma linha muito tênue que separa os prognosticadores daqueles que verdadeiramente buscam a Deus.

Neste ponto o autor afirma que é preciso abandonar completamente o conceito de divinação, visto que não é apropriado para os cristãos, e, completa dizendo que devemos reformular nossas ideias e focar no ensino das Escrituras sobre o modo que nosso Deus usa para guiar seus santos eleitos a fazerem a sua vontade.

Mas se passar a agir dessa forma, ou seja, reformular as ideias e focar somente no ensino das Escrituras, não seria a mesma coisa que praticar as obras dos escribas e fariseus, ou seja, apenas letra?

Há de se concordar que não se deve mais usar o Urim e o Tumim, ou sair em uma busca frenética para consultar um profeta todas as vezes que tiver de tomar uma decisão, entretanto, Deus nos deu o Espírito Santo exatamente para nos conduzir. Como disse Jesus:

“... o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo quanto vos tenho dito.” (Jo 14:26); “...quando vier aquele Espírito da verdade, ele vos guiará em toda a verdade, porque não falará de si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido e vos anunciará o que há de vir” (Jo 16:13).

A partir deste ponto, inicia-se a segunda parte do livro em que o



autor passa a explicar como deve ser esta nova proposta de um programa de orientação de Deus em seis passos de cuidado supervisionado que merecem ser pontualmente comentados:

Leia a Bíblia: neste capítulo ele afirma que Deus acabou com os meios de divinação do AT e ela é um atalho para o futuro. Mas onde está escrito isso na Bíblia? O autor não aponta, porque não está escrito na Palavra de Deus, entretanto, se o cristão leu a Palavra, o Espírito Santo o fará lembrar daquilo que está escrito e o conduzirá à decisão mais acertada.

O próprio autor menciona o Salmo 119 e nisso há de se concordar com o Salmista: “Escondi a tua palavra no meu coração, para eu não pecar contra ti” (Sl 119:11). Entretanto, sem o Espírito Santo, seria letra pura e não interpretação acertada, o que incorreria no erro dos escribas e fariseus.

Desenvolva um coração voltado para Deus: no capítulo 5, Walthe afirma que é preciso ter um coração voltado para Deus e que o segundo passo é seguir os desejos do seu coração. Mas lembrar do aviso de Jeremias parece assustador: “Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e perverso; quem o conhecerá?” (Jr 17:9). Somente quando Paulo escreve aos Colossenses é possível entender: “Que a paz de Cristo seja o juiz em seus corações ...” (Cl 3:15). Então se percebe a necessidade de conhecer toda a Bíblia e ter o Espírito Santo para convencer do pecado, do juízo e da justiça, uma vez que se tiver que tomar uma decisão e o coração estiver em paz, esta é a decisão correta.

Busque conselho sábio: No capítulo 6, o autor é categórico, “quem anda com os sábios se torna sábio”, inclusive afirmando que os irmãos cristãos podem nos ajudar mantendo-nos responsáveis para vivermos como cristãos em um mundo não cristão. O que é uma grande verdade, porém, este pensamento deve ir além. Um cristão deve ser, em sua convicção, firme o suficiente para que mesmo solitário em meio a pessoas não crentes, saiba portar-se como um embaixador de Cristo.

O autor menciona um exemplo de quando os presbíteros de An-

tioquia sentiram que foram chamados para enviar alguém para pregar, então se reuniram para orar a respeito da decisão conforme Atos 13:2,3. Mas esta passagem bíblica não seria exatamente um exemplo de divinação usado na igreja primitiva no NT?

Na sequência o autor faz uma indagação “a quem devo recorrer?” Apontando que é primordial procurar um cristão que admira e em quem confia, para que possa ouvir seu conselho. Porém, está escrito: “Assim diz o Senhor: Maldito o homem que confia no homem, e faz da carne o seu braço, e aparta o seu coração do Senhor!” (Jr 17:5). Que poderia ser interpretado de forma a entender que não se deve confiar em outro ser humano, mas somente no Senhor, uma vez que o homem pode falhar e a decepção seria muito grande. Nesse sentido, a quem devo recorrer? Somente a Deus!

Preste atenção na providência de Deus: No capítulo 7, a grande afirmação é que “nada acontece ao cristão por acaso. Deus não está sujeito a acidentes; as coisas acontecem conforme planejado [...] a providência é evidente em toda a nossa vida.” Não há o que refutar nesta afirmação, afinal, “... todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados por seu decreto” (Rm 8:28). Como o próprio Waltke diz: “Deus cuida de nós como um Pai amoroso, e ele dirige nossas circunstâncias para o nosso bem”. Mesmo quando, às vezes, não entendemos o porquê.

O capítulo 8 parece um grande paradoxo se comparado aos demais passos. Se é preciso ler a Palavra, ter um coração sincero e em paz, buscar conselho de outros e observar as circunstâncias, como o autor diz agora para analisar a situação e “depende” de nosso bom senso? Isso faz lembrar aquela ocasião em que Paulo escreveu aos Gálatas: “Corríeis bem; quem vos impediu, para que não obedecais à verdade? Esta persuasão não vem daquele que vos chamou” (Gl 5:7,8). Afinal, depois de orar a Deus, meditar na Palavra, sentir o coração em paz, observar a providência, o que mais será preciso, Deus enviar o anjo Gabriel?

Interessante pensar que é exatamente neste ponto que inicia o capítulo 9, a “Intervenção divina”. Segundo o autor, haverá ocasiões



que Deus intervirá na vida de seus filhos de maneira específica e milagrosa, mesmo que estes não estejam pedindo orientação sobre algo, mas por alguma razão nova.

O autor parece ser uma pessoa que ama ao Senhor profundamente e deseja que os cristãos prosperem em seu caminho, porém, o que incomoda é sentir que, às vezes, Waltke quer encaixar o “servir a Deus” dentro de uma caixinha pronta criada por sua experiência pessoal com o Senhor, esquecendo-se que o Senhor chamou:

“...uns para apóstolos, e outros para profetas, e outros para evangelistas, e outros para pastores e doutores, querendo o aperfeiçoamento dos santos, para a obra do ministério, para edificação do corpo de Cristo, até que todos cheguemos à unidade da fé ...” (Ef 4:11-13).

Assim é preciso ter cuidado para não incorrer no erro de desprezar algo que não conhece, simplesmente porque desconhecendo, pensa ser errado, ou reprovável. Particularmente, entendo que Deus age como fez com Abrão, “sai de sua parentela para uma terra que vou te mostrar” (Gn 12.1). Isso traz a ideia de que Deus conduziu Abrão, em uma estrada escura e deserta, como se ele estivesse apenas com uma lanterna que iluminasse apenas um metro à frente. Abrão teve que confiar no Senhor!

Abrão viveu milagres tremendos e sua confiança aumentou a partir de suas experiências no caminhar com Deus. Abrão não buscou profetas, ou apontou passagens na Bíblia, ou pediu sinais, ele andou com Deus. Como o próprio Senhor disse: “...Eu sou o Deus Todo-Poderoso; anda em minha presença e sê perfeito” (Gn 17:1). Ele, simplesmente, obedeceu! Se é preciso seguir alguns passos para buscar a Deus, então o caminho será ouvir o ensinamento do próprio Deus:

“Porque eu bem sei os pensamentos que penso de vós, diz o Senhor; pensamentos de paz e não de mal, para vos dar o fim que esperais. Então, me invocareis, e ireis, e orareis a mim, e eu vos ouvirei. E buscar-me-eis e me achareis quando me buscardes de todo o vosso coração” (Jr 29:11-13).

Por fim, chega o Posfácio, onde o autor menciona que seu ensino tem sido falho por causa do desequilíbrio de interpretar o significado do texto na língua original no seu contexto histórico, negligên-

ciando a menção ao papel do Espírito Santo e seu impacto na vida do intérprete.

Assim, afirma que o estudo da Bíblia requer um relacionamento pessoal com o Autor Divino, se desejamos compreendê-la plenamente, e não é possível deixar de concordar com a citação de Steinmetz utilizada pelo autor que afirma: “As Escrituras impõem seu próprio significado; elas unem a alma a Deus por meio da fé” (STEINMETZ, in WALTKE, 2015, p. 188).

O livro “Buscar a vontade de Deus” é muito interessante. Trata-se da experiência pessoal do autor que apresenta meditação sobre circunstâncias na vida de cristãos iniciantes na fé, mas também profundos conhecedores das Escrituras. Um livro que merece ser lido, estudado e até confrontado, porém, deve-se prestar bastante atenção no sábio conselho de Waltke: “À medida que formos guiados pelo Espírito a uma compreensão mais abrangente e profunda dele, vamos experimentar o que as Escrituras denominam *a vontade de Deus*”.

